

PAISAGENS – MODOS DE VER

Álvaro Domingues

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Como citar este artigo:

Domingues, A. (2019). Paisagens-modos de ver. *Revista de Educação Geográfica* | UP, nº.4, pp. 31-42. Universidade do Porto.

ISSN: 2184-0091

DOI: <https://doi.org/10.21747/21840091/4a3>

INTRODUÇÃO

No final do livro "Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico", (Coimbra: Coimbra Editora, 1945, Mapa V, fig.1), Orlando Ribeiro apresenta uma demarcação de regiões e sub-regiões geográficas, comentando: *É claro que se podia ir muito mais longe nesta demarcação; pretendeu-se apenas individualizar os principais tipos de paisagem e agrupá-los pelas suas afinidades.*



Para este clássico da Geografia Regional, a paisagem constituía a pedra de toque das identidades regionais. Sintetizando os traços da Geografia Física do Território e das modificações ocorridas ao longo do tempo pela presença humana, as paisagens correspondiam a *tonalidades* que sintetizavam a descrição e a explicação em Geografia. A evolução lenta da sociedade portuguesa até então, a predominância dos *modos de vida* rurais pré-modernos, devolveva-nos uma imagem de permanência e estabilidade que ficou indelevelmente colada aos grandes traços com que ainda hoje se fala do Minho ou do Algarve.

Figura 1 – As divisões geográficas de Orlando Ribeiro (URL http://purl.pt/421/5/hg-27320-p_PDF/hg-27320-p_PDF_24-C-R0150/hg-27320-p_0000_capa1-guardas8_t24-C-R0150.pdf)

Para além das taxionomias regionais, paisagem podia também ser adjetivada de rural, urbana, industrial, natural, florestal, etc., consoante o traço dominante que se destacasse. Longe das regras compositivas da arte, da diversidade das estéticas, ou das idealizações paisagísticas da pintura ou da literatura, a paisagem tornou-se um objeto científico de análise fundamental para o geógrafo. Produto das interações biofísicas e das dinâmicas de transformação social, a paisagem corresponde ao visual do território, a uma espécie de marca permanentemente mutável daquilo que vai acontecendo nos modos de territorialização da sociedade.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, como escrevia Camões e, por isso, mudam as paisagens a um ritmo avassalador. É escusado confiar em tipologias demasiado estáticas e rigorosamente definidas, porque o mais certo é que a aceleração das dinâmicas de transformação social nos dará novidades permanentes. Por isso se confundem os que pensam que dicotomias simples como natural e humanizada, urbana e rural, etc., correspondem a adjetivos seguros e claros para classificar paisagens. Não são. As discussões em torno do Antropoceno quebraram a barreira natural/artificial, tal como a evolução rápida da cidade para a urbanização (ou se quisermos, a perda do monopólio da cidade como produto e representação da urbanização), ou a *desruralização* rápida das sociedades e territórios pré-modernos, atrapalharam as dicotomias simples e as estabilidades pensadas para todo o sempre. Inventem-se novos adjetivos, mas sobretudo, que não se percam de vista os conhecimentos e os métodos para, através da análise da paisagem que muda, percebermos as razões dessa mudança.

A maior parte do que se segue não são fotografias de paisagem, vastidões e horizontes largos para documentar traços paisagísticos de territórios com a dimensão dos que habitualmente se consideram na Geografia Regional. Mais de perto e mais detalhadamente, pretende-se construir chaves de interpretação da realidade que muda, surpreender o leitor com outros olhares mais oblíquos, às vezes surreais, para que toda essa realidade não se escape completamente.

1. A INSUSTENTÁVEL DIVISÃO ENTRE O URBANO E O RURAL: MATAR A SEDE AO BOI

Entre as flutuações do mercado imobiliário e as burocracias da lei de solos e do planeamento, há sempre lugar para um terreno que ficou vazio no meio da construção que o margina. São muitas as utilidades e as inutilidades desses terrenos vagos e indefinidos: servem de depósito para desaterros, para



umas hortas ocasionais, para corridas de motocross, para depósitos de contentores e para nada. Chovendo, a água acumula-se nos lugares mais baixos e enquanto não evaporar, ali permanece mais ou menos cristalina.

Ia um inverno quase a chegar ao fim. Para além dos montes de terra preta posta ali há pouco tempo, crescem prados espontâneos por onde andam sempre algumas cabras, ovelhas e este boi. No fim da tarde, antes de subir para um atrelado que o transporta para o estábulo, o dono leva-o a beber. É quase uma cena pastoral, mas não será por esta ocorrência furtiva que a situação dará lugar à velha conversa sobre a agricultura e a pecuária que existe à volta das cidades, etc. É apenas um boi com sede.

2. A INSUSTENTÁVEL DIVISÃO ENTRE O URBANO E O RURAL: TRANSPORTE ALTERNATIVO

O cenário organiza-se por dois caminhos quase perpendiculares, um de velocidade lenta e outro acelerado:

- o mais baixo - e também o mais antigo - é um velho caminho rural que nos tempos em que a agricultura tradicional funcionava, tinha uma grande ramada de vinha que no verão era uma frescura para quem ia e vinha dos calores do trabalho do campo. Desse tempo ficaram os esteios de granito, agora quase esculturas para o prazer do passante;
- o mais alto que cruza, levitando, a alameda dos esteios, é uma novíssima auto-estrada onde daqui se chega, para poente ou nascente, a não mais de três quilómetros para um lado, ou oito, para o outro. Outros dizem que a esses distanciamentos correspondem medidas de aproximação de cinco ou dez minutos.

No caminho de baixo, vai um casal num trator. Usam o veículo para carregar alguns objetos de um lado para outro. É natural que sendo o trator um veículo bastante versátil – lavra, carrega, puxa... - consoante a prótese que se lhe engatar atrás, o possamos surpreender em muitas das suas funções.

O passarito que está no primeiro poste da esquerda, pode pensar que, por ter perdido o autocarro que vai na auto-estrada, o casal vai de trator. É um pensamento típico de um pássaro muito pequeno.



3. PAISAGEM TRANSGÉNICA

Paisagem é uma daquelas palavras que, dependendo do adjetivo que se lhe puser à frente, pode denominar qualquer coisa. Por isso se diz que é polissémica, que tem infinitos sentidos.

Existem dois pensamentos recorrentes acerca desta questão: um, parte do princípio que paisagem designa um “todo” coerente onde cada coisa tem um significado que lhe é conferido por essa ideia de totalidade – é natural que uma paisagem alpina tenha neve, pastos, animais, casas de madeira, florestas, lagos, rios ou pistas de ski, hotéis, etc.; vai variada mas percebe-se o conjunto; o outro pensamento, parte do princípio que existem classificações estáveis de paisagem, que essas classificações são universais e inamovíveis como as dos elementos da Tabela Periódica – haveria assim paisagens rurais, urbanas, naturais, florestais, etc. e, dentro dessa variedade, sub-tipologias também estáveis e, por isso, perfeitas e belas, quem sabe.

Não é o caso. Identificando os elementos, podemos enumerar: fábrica, vinha, estrada, celeiro, casa branca, casa preta, painel fotovoltaico, socalco, relvado, árvores... Nada disto obedece a uma única linhagem. Se fosse biologia e engenharia genética, dir-se-ia que é um organismo com um código genético composto, sem linhagens puras: um transgénico. Por isso: paisagem transgénica, a que vai assimilando e combinando várias partes cujo todo se desconhece.



4. RUÍNA

De uma estética herdada do passado romântico, a ruína presta-se a um sem fim de evocações, não raro, contraditórias: para uns é a marca da eternidade, o poder das coisas resistirem muito para além do que num determinado tempo tinha sido o tempo daquilo que testemunham; para outros, a ruína é o fim inevitável das coisas, o fim do tempo em que por estas paragens havia uma agricultura pobre de sequeiro praticada num terreno pedregoso.

O resto são truques de fotógrafo ao início do dia: as névoas no vale que mais parecem tempestade anunciada; e a floresta na outra encosta do vale que parece perder-se nas lonjuras por artes de perspetiva e ângulo de visão.

O pictórico da cena e um ligeiro toque de dramatismo e tonalidade sublime, distraem o olhar do geógrafo. Na verdade, esta é a imagem da desruralização, o lento desfazer da sociedade e do território da velha agricultura de subsistência no Portugal Mediterrânico.

Não há nada a lamentar, exceto por parte dos que não sabem ou não querem saber que esses eram tempos de miséria e dificuldades. Para esses, a estética permanece interessante: antes era a visão romântica dos pastores, das lavouras, da terra lavrada; agora, a fotogenia mudou de tema mas não fica nada desfavorecida - dá-lhes muito para a melancolia.



5. TERRAS DO FIM DO MUNDO

A montanha, as encostas escalavradas e o mato rasteiro, marcam esta paisagem de vale encaixado algures nas serranias do Noroeste. Na margem esquerda do rio que corre sobre pedras, desenha-se uma pegada, um oásis de pequenos campos murados (para o gado não entrar), bordejado de árvores de fruto misturadas com outras. No tempo da vida dura, vivia-se neste fim do mundo aproveitando tudo o que pudesse contribuir para a economia da escassez: alguma terra que vinha pela encosta, misturada com séculos de estrume, davam uma terra fértil e regada pela água de uma nascente no fundo do vale; orientada a poente e abrigada do norte no fundo do vale, estas leiras até vinho davam, milho, feijão, abóboras, no verão, erva de lima, no inverno, batatas, centeio, hortas; o gado pastoreava nas margens e nas encostas até ao cimo dos montes, bebia no rio, e recolhia-se às cortes para produzir adubo juntamente com o mato fresco das camas. Do outro aldo, na encosta alcantilada que daqui mal se vê, estavam as casas apinhadas, algum moinho, um ou outro canastro.

Só a emigração podia resolver esta falsa écloa. Saíram. Alguns ainda construíram casas novas pensando que voltariam, ou os seus. Voltam, cada vez menos. A vida está algures e os poucos que estão – entre idas e vindas para visitarem familiares algures – usam pequenos tratores para fazer uma agricultura quase de afetos. De um lado é Espanha, do outro, Portugal.



6. NECRÓPOLE

O campo (santo) está uma jazida de mármore e granitos em ângulos rectos, uma floresta de cruces a perder de vista. Um serviço para uma larga temporada de britadeira a trabalhar ininterruptamente. À volta, a cidade está densa, oprimida por um céu que ameaça tempestade vinda do mar. Tudo parece suspenso numa quietude, como uma terra abandonada por todos, depois dos vivos praticarem a última homenagem à memória dos mortos, colocando flores frescas nas sepulturas. Não tarda, virão bátegas grossas de chuva batidas a vergastadas de vento e as flores perderão o viço como que afogadas ou naufragas do dilúvio.

Melhor seria descerrar este cenário, devolver ao campo os pastos, a largueza de vistas, os arvoredos, os pastores e os faunos dos poemas de Bernardim Ribeiro, ... *buscava sempre ribeiros, / d'agoa mui crara e fresca / ali, antre os meus cordeiros / soía dormir a sesta (...)*, e deixar definitivamente em descanso esta paz das pedras e do silêncio dos mortos.

Não é assim o mundo. O animal humano é uma constante excitação, uma fome de tempo e eternidade. No cemitério, fazer tempo, é perpetuar a presença dos que foram monumentalizando o lugar, escrevendo nas lápides os nomes, as datas, as palavras sempre prontas a serem ditas, cada leitura uma invocação. Na cidade perde-se muito tempo, como se ouve dizer, nos transportes, nas filas, nas salas de espera, retire a senha e aguarde a sua vez, o número que ligou não está disponível, tente de novo ou deixe mensagem, ti, ri, ti, ti. O tempo ganho é o tempo de uma tarefa retribuída, o tempo de uma conversa que resolveu um assunto encalhado, o tempo em que a máquina está a maquinar. Enquanto houver música, há tempo e o tempo passado num silêncio é uma pausa.



7. HORTAS URBANAS

Parece-me desnecessário adjetivar as hortas. Horta corresponde a um sistema de culturas regado, de alta rotação, a funcionar todo o ano e misturando um sem número de cultivos. Aqui estamos no início da Primavera: há cebolas a crescer, alho francês, batatas, feijões estacados, morangos, couve galega, penca, alface e talhões de tomate e pimento que ainda mal se vêem.

Ao fundo há uma arquitetura sofisticada que nos observa. É a Faculdade de Arquitetura do Porto de Siza Vieira, a FAUP.

Quando se escavaram os alicerces para a faculdade, encontrou-se um veio de água. Um dos funcionários da escola viu ali uma oportunidade e disse ao construtor para canalizar a água para o outro lado do muro que limita a rua fronteira aos edifícios. Era uma horta em projeto.

Depois foi o desbravar do matagal desta encosta onde se descobriram muros de uns socalcos que em tempos havia. A água foi represada na parte mais alta e, durante todo o ano, corre facilmente para os novos socalcos. Os do bairro ao lado foram vendo e foram demonstrando interesse; hoje, a horta continua a crescer, ocupando terrenos que nunca ninguém reclamou por não terem edificabilidade. Sobras. Olhando a foto, dir-se-ia que é a Faculdade de Agronomia da Universidade do Porto, a tal FAUP.

8. PRAÇA DE TÁXIS

A realidade também é feita de somas infinitas de retalhos, de ocorrências de tempos diferentes e usos ou significados diversos. Raramente a leitura do território se faz segundo sequências de estratos – como se fosse uma escavação arqueológica – que, sucessivamente se vão sobrepondo e anulando outros.

Quando é assim, a regra é a mistura, a simultaneidade e o jogo das realidades e das aparências.

O candeeiro de elaborado design, convive com um poste telefónico em madeira e um outro clássico em betão para segurar os fios da rede elétrica e um lampião; os altos muros, o portal desenhado rematado com as esferas de granito, enquadra o portão de ferro trabalhado a precisar de pintura; há um bom trabalho de empedrado do chão, a rotunda minúscula e a placa que indica o estacionamento dos táxis:

tudo convive numa espécie de fim de linha de onde só se sai entrando em propriedades privadas, ou voltando para trás. Entre este plano e o grande edifício envidraçado e espelhado com a assinatura de um conhecido grupo económico, passa uma auto-estrada.

É tudo claro, exceto a praça dos táxis: não é por causa da concorrência UBER, é que não se está mesmo a ver que procura haverá de táxis neste recanto em que a medida da rotunda é bem expressiva quanto à escassez de gente e de automóveis que por aqui passam. Mistérios.



searas tornaram-se cada vez mais raras. Ficou terra a perder de vista e dias e anos em que é raro que o sol não apareça.

A seara transformou-se então num campo tecnológico, numa seara fotovoltaica: por centenas de hectares alinham-se gigantescos painéis que, como os girassóis, seguem o movimento aparente do sol virando-lhe uma face azul resplandecente. Por vezes, as ovelhas percorrem estas terras onde o pasto abunda, cumprindo um precioso trabalho de corte de vegetação que possa ensombrar os painéis. É uma espécie de simbiose tecno-ruminante.

Há gente que desconfia destes prodígios, do mal que possa vir de tanto artifício tecnológico espalhado pelos campos. Por isso colocam caveiras de bodes nos postes da vedação, qual atalaias ou exorcismos para esconjurar os maus ares ou os encantamentos que por ali andarem. *Va de retro!*



11. PAISAGEM POLÍTICA

A geógrafa francesa Anne Sgard tem vindo a desenvolver um sólido trabalho sobre paisagem como política. Pode parecer estranho o enunciado, mas a questão é bem simples: como construção social que é, a paisagem e os discursos e representações sobre a paisagem transportam consigo modos de olhar, regimes mais ou menos partilhados de, através do discurso sobre a paisagem, construir imagens do mundo, designar atores sociais, contextos, problemáticas. As paisagens não são aquilo que ali está, são, fundamentalmente, o modo de problematizar isso que aí está. Diversa e contraditória como a sociedade é, o mais natural é que os julgamentos sobre paisagem sejam os mais diversos e contraditórios. Não interessa apenas a variedade de formas de construção do conhecimento sobre a paisagem que existem nos diversos campos científicos ou disciplinares. É bom para organizar o pensamento e é também bastante perturbador pela variedade de coisas que se dizem, o modo como se legitimam, como uns e outros chamam a si certos monopólios de objetividade e rigor que dizem ter. Paisagem, no final, é aquilo de que se fala quando se fala de paisagem.

No Alentejo, em tempos de ditadura, mataram uma camponesa, ceifeira que protestava contra as duras condições de trabalho e o pouco que os patrões pagavam. A guarda disparou e Catarina morreu assassinada. Era assim a paisagem política do latifúndio. Nesse local, o Partido Comunista instalou um

memorial. No mesmo enfiamento visual está a capela da herdade com o sino e a cruz. Dizia Marx que a religião era o ópio do povo, a promessa de um paraíso no além na impossibilidade de resolver o inferno da exploração do trabalho.

É isso; continua a haver uma exploração desenfreada, mas só se fala do CO². Como escreveu Frederic Jameson (*New Lef Review*, 21, 2003, p.7), *alguém disse uma vez que era mais fácil prever o fim do mundo do que o fim do capitalismo.*



12. DESENCANTO

As rotundas proliferam, tal como proliferam as marcas simbólicas que se colocam nesses lugares especiais. As monarquias absolutas dos séc. XVII e XVIII gostavam das praças reais, espaços públicos onde se cenografava o poder, os poderosos e os rituais da ordem social: no meio da praça, o rei enquanto cavaleiro em grande pompa, olhando de cima para baixo as movimentações dos seus súbditos. Não se usava a expressão arte urbana. Era a estatuária - por vezes saída de mãos arrojadas de artistas e fundidores de bronze -, uma das muitas linguagens acerca da presença do poder nos lugares.

As cidades dissolveram-se na urbanização por todo o lado e os desígnios da democracia não produzem (ou não deviam produzir) cavaleiros altivos a dominarem o centro da praça ou outros lugares cimeiros. A própria praça ganhou outros adjetivos – a praça financeira, a da portagem, a da alimentação, a da alegria ou da tristeza. Porque a urbanização se faz de movimento e circulação, a rotunda é aquele ponto especial em que se escolhe mudar, ir por ali ou mais além. O próprio movimento circulatório, a pausa, a lentidão, favorecem a visibilidade de tudo o que estiver no centro ou na periferia do giratório.

12



Aqui queria fazer-se uma homenagem à mulher do campo, dignamente representada em mármore, fixando não se sabe o quê num momento de descanso, o cesto da merenda ou do trabalho descansando ao pé. A rotunda é de uma aridez fatal, um terreiro rapado onde a gasolinera se constitui como presença vistosa e brilhante. Que desacompanhada que ficou a mulher; de braços caídos, ourada com tanta circulação à volta e com tão estranha companhia. Ainda se tivesse um trator... e, quem sabe, um dia decidisse ganhar vida, retirar-se dali e ir à bomba encher o depósito com gasóleo agrícola, e fazer-se ao campo e à ceifa outra vez, quem sabe. Mas, não... se mexer parte-se toda.